

O diário da queda do grande homem

Joseph Goebbels, DIÁRIO — ÚLTIMAS ANOTAÇÕES — 1945. Tradução de Lya Luft. Editora Nova Fronteira. 290 pp. Cr\$ 220.

"Diário, 1945" de Joseph Goebbels vai de 28 de fevereiro a 10 de abril. A Alemanha já estava invadida por russos, americanos, ingleses, numa derrota que se oficializaria com a capitulação aos anglo-americanos, a 7 de maio, e aos russos a 4 do mesmo mês.

possível fazer mais do que estou fazendo". No relação líder/seguidores, o líder — no caso, Goebbels — se atribui um dever de ser o "povo", que, em contrapartida, cumula de deveres e lealdades em relação aos chefes. O "Diário" está cheio de recomendações ao "povo" para manter o entusiasmo com as bombas, a fumaça, a propaganda do inimigo, enfim os horrores que então se abatiam por cima de seu próprio país.

a outros figurões do governo, atribuindo-lhes muitas culpas. De modo não original, ele apelava para tudo que pudesse manter seu grupo de seguidores no caminho do "povo". "Recebo uma profusão de material para iniciar uma propaganda com bases astrológicas ou espíritas, e também um livro sobre a astrologia de Berlim. Além de 9 de novembro de 1918, bem como o horóscopo do Führer. (...) Para mim tais profecias astrológicas não têm o menor significado; tenciono utilizá-las numa propaganda para o povo, de modo anônimo e disfarçado, pois num tempo tão crítico a maioria das pessoas se agarra a qualquer tábuca de salvação, por fraca que seja".

Goebbels se considerava um grande homem e ensinava o que ele esperava dessem assim. "Houve épocas na história humana em que os homens e as bestas do país e do povo estavam ainda mais amedrontados do que hoje. Naquele tempo foram alguns grandes homens que salvaram o povo e o Estado, e agora terá que acontecer a mesma coisa".

Lições do Ser, por Artur da Távola

Artur da Távola. ALGUM QUE JÁ NAO FUI. Crônicas. Editora Salamandra. 182 pp. Cr\$ 100.

Este segundo livro do crítico de televisão Artur da Távola (o primeiro, "Mevitendo", publicado no ano passado, já vendeu quatro edições) reúne crônicas, poemas e reflexões em sua maioria já publicadas na coluna diária que ele mantém no GLOBO, mas também textos inéditos ou escritos para outras publicações de que é colaborador regular. Aqui se confirmam as qualidades que o tornaram um dos mais importantes pensadores dos fenômenos de comunicação social no Brasil: no dizer de Antonio Houaiss, "foi que gera a admiração de que goes Artur da Távola é que ele sabe — como ninguém entre nós — fazer do efêmero televisão uma coisa perdurante". E que nele há moral sem moralismo caturra e fechados, esperança sem embustes sintonias, escepticismo sem cinismo, e um psicológico espontâneo capaz de captar os valores significados nos termos e vocabúlos novos transados aqui e ali.

essa capacidade de envolver-se com as múltiplas manifestações do Real, deixá-se permeiar por todas as instâncias do Ser — e somente então julgar. É o próprio autor, aliás, quem o diz, ao notar que "quem só dá verdades sem atinar para os vários possíveis de que é feita a justiça é alguém cuja lucidez se conseguiu ao observação de apenas um lado da realidade, que é múltipla e infinita: como a Verdade e a Justiça". Com efeito, as características pessoais de Paulo Roberto Monteiro em diários, que se revelam na obra do pseudônimo Artur da Távola — imensa capacidade de compressão e tolerância para com tudo o que o ser humano tem de frágil e falho — é que transformaram sua coluna de crítica e, agora, sua obra literária, num alvo visado pelos radicais de qualquer espécie. Pois ele não abre mão de "compreender em primeiro lugar, aceitar em segundo, para só depois que a pessoa se sinta segura, tranquila e em confiança, exercer o mínimo de crítica, e, quando necessário, com dureza, se necessário. (...) Sem seriedade é difícil reprová-la".

A Vila resistirá, até o último oti

Aldir Blanc • RUA DOS ARTISTAS E APREDORES • Contos. Ilustrações de Marjano. Editora Record. 195 pp. Cr\$ 96.

Quando se diz que Vila Isabel é um berço de poetas, não é só. Principalmente: não é em vão que se diz. A Vila e outros bairros e subúrbios que se preparam para o que vem a ser o fim do mundo, algo assim como uma autopreservação cultural.

Traduzir, a melhor forma de crítica

Augusto de Campos. VERSO REVERSO CONTROVERSO. Poesia/Traduções. Editora Perspectiva. 268 pp. Cr\$ 120.

É cada ano que passa, mais se quantifica e depura a já de si inestimável contribuição dos grandes tradutores de literatura brasileira. Ainda este ano, Haroldo de Campos nos ofereceu uma admirável seleção de poemas de um poeta que nos gratifica com este mistério de reinvenção crítico-criativa em que consiste a arte de traduzir. É o livro "Verso reverso controverso". Com relação ao trabalho do autor, que sabiamos que a partir das mais variadas informações (e evidências, sem dúvida alguma) do "paldeus" poindiano, cumpre salientar que seu esforço e seu talento estão aqui a serviço não apenas de um idioma e de um idioma, mas também de uma concepção estética, mas também de uma fundamentação e corroboração conceitual cujo pressuposto bastar a ser conquistada (ou reconquistada) de uma herança literária que reúne alguns dos maiores valores de nossa cultura para a compreensão e talvez mesmo para a eventual reestruturação de toda uma poética, ainda que mal conhecida e pouco estudada, vertente de nossa poesia, que radica em Gregório de Matos e que em sua expressão mais atualizada, Ferreira Gullar, o da "Lata Corporal" e a fase neocronista, advirta. Decio Pignatari e Wislani Dias Pilo.

As alegorias que descrevem o indescrevível

Sônia Lins. BATICUM. Poésias e prosa. Editora Rocco. 163 pp. Cr\$ 66.

Na excelente Sônia Lins, que acaba de nos dar "Baticum", edição pelo MEC/Pedro O. Rocco, encontro o já tão identificado em Gilberto Mendonça Teles: "Sônia está, isto é, a 'falha' que 'lavra' o terreno da expressão verbal. Sônia está dentro da palavra e com ela anda obstinadamente. 'Baticum' é um monólogo onde coexistem, em doses irregulares, prosa, poesia e liberdade. Esse triângulo férreo, nessa prosa, sempre se desloca, monta suas narceles em Minas Gerais, mas se despenca por esse continente afora, apontando a sua clientela ascendente."

Música, um convite à visão de Deus

Armando Trévisan. O FERREIRO HARMONIOSO. Poesia. Editora Globo. 108 pp. Cr\$ 66.

Um bom poeta, por vezes excelente, na sempre harmoniosa toada de sua força de palavras e lirismo discreto. Armando Trévisan tem seu ritmo na linha do conceito e sua melhor poesia na estreita vinculação entre som e sentido, no desdobramento das possibilidades de um mesmo núcleo fonético coerente como o todo semântico.

Armadillo

Carlos Drummond de Andrade. DISCURSO DE PRIMAVERA. ALGUNS SOMBRABOS. Poemas. Livraria José Olympio Editora. 125 pp. Cr\$ 70.

Curso de primavera e alguns outros poemas de Carlos Drummond de Andrade, publicado pela José Olympio em segunda edição, aumentada, a primeira, teve tiragem limitada, fora de comércio. O livro é um bloco de coerência poética, onde a personalidade e a imaginação do autor se completam, como as cores diversificadas de uma possível primavera d'ão à existência um aspecto essencial. As seis partes do livro — "Notícias do Brasil", "Os marcados", "São Sebastião e pescador do Rio Janeiro", "Capitães da Ilha do Coração", "Atsim vai (?) o mundo" e "Música de fundo" — reúnem-se de um modo impressionista, pois se trata de vibrações se insinuam algumas sombras, estas emergentes de um conhecimento "suficiente obscuro". Talvez nenhum poeta brasileiro tenha incorporado a sua obra uma oposição (nem ser barroca como a de Jorge de Lima no sentido "Canção de Orfeu") vocabular tão ampla como fez o nosso Poeta (mimico). Ele harmoniza o popular com o erudito, o vocabulário reatado, recriado ou resuscitado do contexto vultoso e alardeo coexistente com o cotidiano da linguagem, e conclui em favor do simbolismo como em "A palavra mágica": "Certa palavra dor-

Orador da primavera

Carlos Drummond de Andrade. DISCURSO DE PRIMAVERA. ALGUNS SOMBRABOS. Poemas. Livraria José Olympio Editora. 125 pp. Cr\$ 70.

Essa al demonstrada a sideral capacidade que tem Sônia Lins de fazer esta espécie de revista histórica, não sem antes expulpar do escrito sua crítica a palavras "Sociedade Chauvinista", que acabou originando o "chauvinismo".

Orador da primavera

Carlos Drummond de Andrade. DISCURSO DE PRIMAVERA. ALGUNS SOMBRABOS. Poemas. Livraria José Olympio Editora. 125 pp. Cr\$ 70.

Essa al demonstrada a sideral capacidade que tem Sônia Lins de fazer esta espécie de revista histórica, não sem antes expulpar do escrito sua crítica a palavras "Sociedade Chauvinista", que acabou originando o "chauvinismo".

Orador da primavera

Carlos Drummond de Andrade. DISCURSO DE PRIMAVERA. ALGUNS SOMBRABOS. Poemas. Livraria José Olympio Editora. 125 pp. Cr\$ 70.

Essa al demonstrada a sideral capacidade que tem Sônia Lins de fazer esta espécie de revista histórica, não sem antes expulpar do escrito sua crítica a palavras "Sociedade Chauvinista", que acabou originando o "chauvinismo".

Orador da primavera

Carlos Drummond de Andrade. DISCURSO DE PRIMAVERA. ALGUNS SOMBRABOS. Poemas. Livraria José Olympio Editora. 125 pp. Cr\$ 70.

Essa al demonstrada a sideral capacidade que tem Sônia Lins de fazer esta espécie de revista histórica, não sem antes expulpar do escrito sua crítica a palavras "Sociedade Chauvinista", que acabou originando o "chauvinismo".

Orador da primavera

Carlos Drummond de Andrade. DISCURSO DE PRIMAVERA. ALGUNS SOMBRABOS. Poemas. Livraria José Olympio Editora. 125 pp. Cr\$ 70.

Essa al demonstrada a sideral capacidade que tem Sônia Lins de fazer esta espécie de revista histórica, não sem antes expulpar do escrito sua crítica a palavras "Sociedade Chauvinista", que acabou originando o "chauvinismo".

Orador da primavera

Carlos Drummond de Andrade. DISCURSO DE PRIMAVERA. ALGUNS SOMBRABOS. Poemas. Livraria José Olympio Editora. 125 pp. Cr\$ 70.

Essa al demonstrada a sideral capacidade que tem Sônia Lins de fazer esta espécie de revista histórica, não sem antes expulpar do escrito sua crítica a palavras "Sociedade Chauvinista", que acabou originando o "chauvinismo".

Orador da primavera

Carlos Drummond de Andrade. DISCURSO DE PRIMAVERA. ALGUNS SOMBRABOS. Poemas. Livraria José Olympio Editora. 125 pp. Cr\$ 70.

Essa al demonstrada a sideral capacidade que tem Sônia Lins de fazer esta espécie de revista histórica, não sem antes expulpar do escrito sua crítica a palavras "Sociedade Chauvinista", que acabou originando o "chauvinismo".

Orador da primavera

Carlos Drummond de Andrade. DISCURSO DE PRIMAVERA. ALGUNS SOMBRABOS. Poemas. Livraria José Olympio Editora. 125 pp. Cr\$ 70.

Essa al demonstrada a sideral capacidade que tem Sônia Lins de fazer esta espécie de revista histórica, não sem antes expulpar do escrito sua crítica a palavras "Sociedade Chauvinista", que acabou originando o "chauvinismo".

Orador da primavera

Carlos Drummond de Andrade. DISCURSO DE PRIMAVERA. ALGUNS SOMBRABOS. Poemas. Livraria José Olympio Editora. 125 pp. Cr\$ 70.

Essa al demonstrada a sideral capacidade que tem Sônia Lins de fazer esta espécie de revista histórica, não sem antes expulpar do escrito sua crítica a palavras "Sociedade Chauvinista", que acabou originando o "chauvinismo".

Orador da primavera

Carlos Drummond de Andrade. DISCURSO DE PRIMAVERA. ALGUNS SOMBRABOS. Poemas. Livraria José Olympio Editora. 125 pp. Cr\$ 70.

Essa al demonstrada a sideral capacidade que tem Sônia Lins de fazer esta espécie de revista histórica, não sem antes expulpar do escrito sua crítica a palavras "Sociedade Chauvinista", que acabou originando o "chauvinismo".

Orador da primavera

Carlos Drummond de Andrade. DISCURSO DE PRIMAVERA. ALGUNS SOMBRABOS. Poemas. Livraria José Olympio Editora. 125 pp. Cr\$ 70.

Essa al demonstrada a sideral capacidade que tem Sônia Lins de fazer esta espécie de revista histórica, não sem antes expulpar do escrito sua crítica a palavras "Sociedade Chauvinista", que acabou originando o "chauvinismo".

JULIO CESAR MONTENEGRO
George Herbert, Thomas Carew, John Suckling e Richard Crashaw reunidos em "The metaphysical poets" por T. S. Eliot, que para tanto recuou até o século 17, o "barroco" e "glorioso" barroco (séculos XVII e XVIII) de Gerard Manley Hopkins (século 19); e os "antipostas" simbolistas Tristan Corbière e Jules Laforgue (séculos XIX e XX), respectivamente, em "Portrait of a Lady" e "Conversation galante". Trata-se de uma seleção de poemas que pretende, sobretudo, mostrar a genialidade que entende, doutrinariamente, a um propósito literário definido, razão pela qual a cada autor traduzido é a cada vez acompanhado de um comentário crítico e de uma introdução de abordagem ensaística, esmiuçando a vida, a obra, a época em que viveram e escreveram. As tentativas e artesias futurais, as conexões entre seus poemas e aqueles que deles se beneficiaram, a filosofia que adotaram, Kipling, o itinerário de um processo cujas peças o autor se empenha em demonstrar — e cabalmente o faz — que se podem encaixar e somar-se umas às outras num surpreendente matrimônio secreto.

Quando a excelência da arte do tradutor, afirmamos aqui que ele dispensa comentários. Estamos, simplesmente, diante de um mistério literário, de uma arte e de um conhecimento de Pedro Miguel Kilkerry, conciliata-se e encorpe em Oswald de Andrade, adquire "As cores do azul" e "As cores do azul" em João Cabral de Melo Neto e esgalha-se, a partir daí, em tendências poéticas, neorrealistas e surrealistas, e em tendências, Ferreira Gullar, o da "Lata Corporal" e a fase neocronista, advirta. Decio Pignatari e Wislani Dias Pilo.

Não vamos aqui discutir os fundamentos ou propósitos desse ideário, do que se trata de uma tentativa de aproximação, discordamos, mas há que relevar um ponto que, apud Paulo de Lima, se dilata e dilata de Armando Daniele, de quem disse Dante: "É o mistério fabro do parlar materno" ("Purgatorio", XXVI, 117).

Em prova, pois, que a obra, não apenas um patrimônio literário, é não há nenhum absurdo (ou contrário, o que alguns se tentam fazer) a tentativa de identificar alguns de nossos maiores valores na poesia portuguesa, galega e castelhana do século XIX e XX.

Augusto de Campos parte do princípio, a nosso ver individual, de que a tradução é um ato de criação. Ou mais do que isto: "Uma das melhores formas de crítica. Ou pelo menos a única que não se trata de crítica, quando ela — a tradução — é criada". E a que interessar possa, estão recriados os poemas de todos os outros autores "inventores" como, entre outros, Guilhem de Peitieu, Marcaru, Armand Danièle, Brian de Horta, Peire Cardenal (livros na Provença entre os séculos 12 e 13); os "metáforicos" John Donne,

Michael E. Tiger e Mafelaine R. Levy. O DIREITO E A ASCENÇÃO DO CAPITALISMO. Tradução de Ruy Junmann. Zahar Editores. 325 pp. Cr\$ 190.

• A ideologia dominante, para organizar a sociedade, não pode ignorar sua experiência com o mundo real. Ela é, portanto, e do esforço tende, pois, a reverter-se num contraditório mas peculiar sistema de valores. Ela é, portanto, defendida pelo professor Alain Dailon em recente debate com o teórico francês Louis Althusser, no livro "A ideologia dominante e a ideologia jurídica consistiu em reconhecer que estava em permanente contraditório com a sociedade, por isso, portanto, a cada instante, adequar suas instituições de controle e manter um sistema específico de relações sociais".

Pesquisando decretos, alvarás, estatutos, ordenanças e cartas constitucionais da Europa, os autores chegaram a formular a origem histórica de uma jurisdição da burguesia controlada as instituições feudais sob sua visão final começou muitos decretos e alvarás, mas precisamente nos levantes urbanos do século 11 — contrariando teorias gerammente aceitas.

O livro está dividido em três partes: na primeira é dada uma visão geral da ascensão do capitalismo e dos princípios aspectos de sua formação; na segunda, é feito um detalhado estudo sobre os levantes urbanos, a partir do século 11, notadamente de Inglaterra, e terceira parte é dedicada de que os autores discutem a chamada de "jurisdição de louque para obscurecer mais ainda as relações feudais entre os